



Joel Neto
www.joelneto.com

Notas contra o pessimismo Apesar da pandemia

“Eu não quero morrer. Gosto demasiado da vida, as mais pequenas coisas continuam a exercer em mim a maior curiosidade, creio que sou feliz e não tenho vergonha de dizê-lo. Mas algo me diz que essas são as mesmas razões por que talvez tenha um pouco menos de medo de abordar a morte do que aqueles que nem a própria palavra conseguem proferir. E quiçá encontre um pouco mais de fascínio neste desolador espectáculo que o planeta nos proporciona – tenho o meu Banquinho do Fim do Mundo para me sentar e assistir.”

... ou talvez por causa dela, plantei um banco de jardim na encosta que se ergue aqui por detrás de casa. Tínhamos acabado de desbravar mais um talhão de matagal, eu e o Chico, e de repente descobriu-se sobre o novo limite do quintal uma ladeira em terra batida de que já só a minha mãe se lembrava, tantos tinham sido os anos que passara coberta pela vegetação. Limpámo-la bem, munimo-la de uma plataforma com pedra lajeada que o Galão me deixou ir recolher pelos cerrados dele e, enfim, levei para lá um dos bancos do jardim, que pus ao lado de uma mesinha que encontrei na garagem, pintei com duas demãos de bondex e decorei com um cinzeiro.

Na segunda-feira de manhã, subi a encosta com uma chavena de café e um maço de cigarros, sentei-me no banco, olhei as flores aos meus pés, a frescura lá em baixo, a paisagem que se estende na direcção do mar, e dei por mim a dizer: “Eu podia assistir daqui ao fim do mundo.”

Não, não foi por causa da pandemia: tinha feito este plano há muito tempo, e a ideia de pôr lá um banco, para tomar o café matinal ou fumar um cigarro ao crepúsculo, nem sequer fora minha – fora do Chico. Há mais de uma década que me ajuda a criar um jardim, quimera que abraçou como se fosse sua, e, de cada vez que assumimos ambos que já chega de crescer, que não se farão mais obras, que agora será só cuidar das plantas e mais nada, é sempre ele a sugerir nova investida.

Nem sequer posso dizer que instalámos no topo da ladeira uma plataforma de pedra lajeada: eu apenas carreguei a pedra – foi o Chico quem fez a plataforma, como aliás é ele quem já está a prolongar os muretes em volta dela também.

Mas o facto é que, da primeira vez que subi a encosta com uma chavena de café e um maço de cigarros, sentando-me no banco e olhando o horizonte, dei por mim a dizer: “Eu podia assistir daqui ao fim do mundo.” E que me inquietou ouvir-me

dizê-lo, porque o dissera com um tanto de humor e outro tanto de convicção: se o fim do mundo estivesse realmente próximo, como às vezes tem parecido que está, então nenhum outro lugar me parecia tão apropriado a esperá-lo como ali, sentado com uma chavena de café quente, a fumar e a olhar as flores, a terra e o mar.

Tão-pouco me inquietou assim tanto, a verdade é essa. No meu interior, aquele banco chama-se Banquinho do Fim do Mundo, e traz-me uma certa paz que se chame assim.

Não posso escondê-lo: este confinamento a que o combate à dita covid-19 nos votou assenta-me bem. Sempre trabalhei em casa, não tenho filhos com que me preocupar e, nos últimos anos, o excesso de solicitações e o relativo à-vontade financeiro – comparo-me sempre com os pobres, nunca com os ricos – transformaram quase todos os momentos destes portões para fora num ruído de obrigações e consumismos que há muito me tinha extenuado. Ter de ficar em casa, e de reduzir todo o género de necessidades, e de fazer da inventiva ferramenta doméstica também tem o seu quê de regresso primordial a esse momento em que, há agora quase oito anos, eu e a Catarina metemos os pertences num contentor e nos viemos instalar aqui, algo assustados, em busca da vida simples e barata, porque as indústrias de que sobrevivíamos, os livros e os jornais, estavam em dificuldades.

Continuamos a sobreviver delas e elas continuam em dificuldades, aliás maiores agora ainda.

Entretanto, já sentimos falta de bastas coisas, eu como a Catarina: os passeios com os cães na Fajã da Serreta, os almoços de sábado no Canadinho, as sessões de cinema de má qualidade à sexta-feira à noite, os jantares infinitos com o gangue – e, evidentemente, as escapadinhas ao continente também, para ver a família e os amigos ou mesmo, no meu caso, para visitar os leitores em escolas, bibliotecas, feiras, festivais. Sentimos saudades de tudo isso, ao

fim de pouco mais de um mês de confinamento (recolhemo-nos antes de ser obrigatório), e é evidente que a passagem das semanas vai agravá-lo.

Além do mais, preocupa-nos a evolução da epidemia. Todos os dias lemos dezenas de jornais e ouvimos dezenas de *podcasts* e temos dezenas de conversas sobre o que se está a passar pelo mundo, no continente, aqui nas ilhas. Temos pais quase idosos, principalmente os meus, nunca nos deixámos alienar o suficiente para que o sofrimento dos homens se reduzisse a um zumbido e, além disso, a memória do planeta depende da consciência desta espécie.

Mas, aqui, temos um jardim, um pomar e uma horta, e que não é por estarem ainda em crescimento que deixam de confortar-nos. Temos três cães saudáveis e amigos, cada qual com a sua amável e singular personalidade. Temos despesa que chegue para meia dúzia de dias, com criatividade provavelmente para bastante mais. E temos, sobretudo – e agora, falo por mim –, aquele banquinho, o Banquinho do Fim do Mundo, e em que de repente vejo metamorfosear-se a própria ideia de casa.

Talvez se distingam aí, as pessoas, mais do que em qualquer outra coisa: entre aquelas que estão contentes por ficar em casa e aquelas que já não aguentam mais não sair – entre aquelas que gostam de estar em casa e aquelas que não gostam.

Eu não quero morrer. Gosto demasiado da vida, as mais pequenas coisas continuam a exercer em mim a maior curiosidade, creio que sou feliz e não tenho vergonha de dizê-lo. Mas algo me diz que essas são as mesmas razões por que talvez tenha um pouco menos de medo de abordar a morte do que aqueles que nem a própria palavra conseguem proferir. E quiçá encontre um pouco mais de fascínio neste desolador espectáculo que o planeta nos proporciona – tenho o meu Banquinho do Fim do Mundo para me sentar e assistir.

Eu hei-de morrer a olhar as flores.

Novos sinais de trânsito entram em vigor a 20 de Abril

Entram em vigor no dia 20 de Abril dezenas de novos sinais de trânsito. Para que a população os conheça, apesar da circulação rodoviária estar restrita, a Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR) lança uma campanha que decorrerá entre hoje e o dia 20 chamada “Novos sinais, maior segurança”. A nova sinalização inclui dezenas de novas placas de trânsito. Entre elas está, por exemplo, sinal de zona residencial ou de coexistência, designação dada a uma área partilhada entre carros e pessoas, com regras de trânsito particulares. Ou a

zona de emissões reduzidas, onde só podem circular veículos menos poluentes. Há também novos sinais de informação, símbolos de indicação turística (com o tipo de museu ou monumento que é possível visitar), geográfica e cultural.

Nestas alterações feitas, as mais significativas desde 1998, aparecem também distinguidos os sinais de trânsito, os sinais dos agentes de trânsito e os sinais dos condutores. Além de ir para a estrada, a campanha decorre nos sites e nas redes sociais da ANSR.

NOVOS SINAIS, MAIOR SEGURANÇA

